

# Ônibus é o meio mais lento em desafio para avaliar transporte



Participantes do desafio na Esalq: percurso mais rápido foi feito em 12 minutos e 40 seg por ciclista; cadeirante que usou ônibus demorou uma hora e 18 minutos

Percorrer um trecho da área central de Piracicaba em horário de pico e em percurso marcado pelo tráfego pesado é mais demorado de ônibus do que a pé ou de bicicleta. Foi o que comprovou ontem o Desafio Intermodal, atividade proposta pelos organizadores da Semana da Mobilidade Urbana que reuniu 13 voluntários. Eles saíram às 17h30 do prédio central da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) rumo à Estação da Paulista, mas com uma parada para marcação de tempo na praça José Bonifácio. **A 5**

# Percurso em ônibus demora mais que de carro, bicicleta e a pé

**PATRICIA VIEITEZ**

*patriciav@jppjournal.com.br*

**A**travessar o Centro da cidade pode demorar mais de uma hora. Pelo menos para quem fizer o trajeto de ônibus. Quer ir mais rápido? Aposte na bicicleta ou vá a pé. Com o tráfego pesado, esses são os meios mais rápidos de transporte em Piracicaba. Foi o que provou ontem o Desafio Intermodal, uma das atividades realizadas dentro da Semana da Mobilidade Urbana. Nem a motocicleta ganhou dos meios sem motor. Treze voluntários participaram da experiência.

A concentração na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) pareceu uma largada de maratona, mas o desafio nada mais foi que uma forma de mostrar as dificuldades e facilidades de cada meio de transporte para se locomover pela cidade.

Todos saíram do campus às 17h30 com destino à Estação da Paulista, mas com uma parada para marcação de tempo na praça José Bonifácio. Foram três ciclistas (um esportista, um estudante e um trabalhador), dois pedestres (um de ônibus e um a pé), três corredores, um skatista, uma cadeirante, um motociclista, uma pessoa em carro de passeio e outra em um táxi.

O estudante Frederico Dorne, de bicicleta, foi o primeiro a chegar na praça. Depois, até a Es-

tação da Paulista, subindo pela rua Boa Morte, perdeu para o ciclista esportista e um dos organizadores do desafio, Ricardo Lordello Filho, por dez segundos. Dorne acabou o desafio com tempo de 12 minutos e 40 segundos. “É rápido, mas não é bom porque o ciclista não é respeitado e não tem espaço apropriado”, avaliou.

Opinião semelhante tem Lordello, líder do desafio, observando que a prática do ciclismo ajuda a enfrentar as barreiras no tráfego urbano, como desviar de ônibus em cruzamentos. “Se tivéssemos um espaço adequado conseguiríamos chegar muito mais rápido”, observou, contente com o resultado. “Conseguimos provar que andar de bicicleta é viável. Conseguimos chegar primeiro que os motorizados”.

Para ele, se o uso de bicicletas fosse estimulado, a cidade teria menos carros nas ruas e a locomoção seria mais fácil. “Enquanto houver dificuldades como as enfrentadas hoje, menos gente vai usar a bike”, argumentou. Depois das duas bicicletas, terminou o desafio o corredor Nilton José Cardoso, que fechou seu tempo em 16min49s. O terceiro ciclista, Antonio Rodrigues de Oliveira, chegou em quarto, com 16min52s.

O único skatista, Danilo Kazuo Takahashi Cernicchiaro, terminou o trajeto em 19 minutos cravados. “Para circular pela ci-

dade de skate tem que saber andar, saber desviar”, indicou, explicando que precisou carregar o skate em alguns pontos devido às subidas e que também errou um trecho no caminho.

Em seguida chegaram mais dois corredores: Lilia Pedrosa Barbosa Cardoso e André Del Negro, ambos com 23 minutos. A motocicleta, pilotada por Bruno Brazil de Souza, que precisou respeitar todos os sinais de trânsito, mas pôde trafegar pelos corredores entre os veículos, acabou em oitavo lugar, com 23min35s. Débora Rossini, de carro, foi a 9ª colocada, com 30min35s. Para ela, o mais difícil foi estacionar no final. Natália Tiso Grossi, que estava de táxi, cumpriu o trajeto em 30min55s.

Mas o mais impressionante foi o pedestre caminhando chegar antes de quem pegou ônibus. Leonardo Anchieta chegou na Estação da Paulista depois de 50min30s. “O pior foi a falta de faixa de pedestres nas transversais da rua Boa Morte. O pedestre fica perdido porque o fluxo de veículos é muito grande”, observou, dizendo que tem que ser ágil para não acabar atropelado.

Os lanterninhas do desafio estavam de ônibus, que demoraram mais de uma hora para cumprir o trajeto. Gustavo Casoni da Rocha chegou depois de 1h09min42s (ele seguiu da praça à estação a pé). A última foi a cadeirante Maria do Socorro Carneiro de Barros, que tomou dois ônibus, sentou no chão do último e percorreu trechos na própria cadeira de rodas, encerrando o desafio em 1h18min10s.

**Voluntários  
circularam  
pelo Centro  
ontem à  
tarde**